

A ECOANSIEDADE COMO REFLEXO PSÍQUICO DA CRISE AMBIENTAL

Cláudia Dias Teixeira dos Santos
Dr. André Vasques Vital
Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

RESUMO

A crise ambiental contemporânea tem provocado não apenas impactos físicos e ecológicos, mas também psíquicos, dando origem a um fenômeno denominado ecoansiedade. Trata-se de uma resposta emocional frente à percepção da ameaça climática e da destruição ambiental iminente, que tem se intensificado especialmente entre jovens. O presente estudo tem como objetivo analisar a ecoansiedade como expressão psíquica do mal-estar na civilização contemporânea, a partir da articulação com o conceito freudiano de infamiliar (*Das Unheimliche*). Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, com método dedutivo, baseada nas obras clássicas de Sigmund Freud — em especial *O mal-estar na civilização* (1930) e *O infamiliar* (1919) —, além de produções contemporâneas sobre ecoansiedade e psicanálise. Os resultados apontam que a ecoansiedade não deve ser interpretada como patologia isolada, mas como sintoma cultural que expressa o retorno do reprimido coletivo sobre a destrutividade ambiental. O sentimento de estranhamento diante da natureza degradada remete à experiência do infamiliar freudiano, em que o ambiente, outrora familiar, retorna como ameaça. Conclui-se que a ecoansiedade representa um índice legítimo de sofrimento psíquico contemporâneo e requer abordagens clínicas, sociais e culturais que reconheçam sua dimensão simbólica. A psicanálise, ao integrar inconsciente, cultura e ecologia, oferece ferramentas fundamentais para a compreensão e a elaboração desse novo mal-estar civilizatório.

Palavras-chave: Ecoansiedade; Psicanálise; Infamiliar; Crise Ambiental; Mal-estar na Civilização.

INTRODUÇÃO

A intensificação das mudanças climáticas e a degradação acelerada do planeta têm gerado não apenas impactos ambientais objetivos, mas também profundas repercussões subjetivas. Entre essas, destaca-se a ecoansiedade — fenômeno psíquico caracterizado por sentimentos de angústia, impotência e medo diante do colapso ambiental. Não se trata de uma condição patológica convencional, mas de um sintoma emergente que expressa a vulnerabilidade subjetiva frente ao esgotamento ecológico.

Neste trabalho, busca-se compreender a ecoansiedade à luz da teoria psicanalítica freudiana, em especial do conceito de infamiliar (*Das Unheimliche*), formulado por Freud em 1919. Parte-se da hipótese de que a natureza, outrora percebida como espaço acolhedor, retorna agora como ameaça — fenômeno que provoca angústia psíquica ao mobilizar conteúdos inconscientes relacionados à perda, castração e

morte. Assim, a ecoansiedade seria expressão do mal-estar na civilização, conforme proposto por Freud (1930/1969), em nova configuração simbólica.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza interdisciplinar, com ênfase na abordagem qualitativa e bibliográfica. O estudo fundamenta-se teoricamente em dois eixos centrais: 1) a teoria psicanalítica freudiana, com especial destaque para os conceitos de recalque, angústia, mal-estar na civilização e infamiliar (*Das Unheimliche*); e 2) os estudos contemporâneos sobre ecoansiedade como fenômeno emergente na interface entre saúde mental, crise climática e cultura.

A investigação parte do pressuposto de que a ecoansiedade deve ser compreendida não apenas como uma condição clínica, mas como um sintoma cultural que expressa a vulnerabilidade subjetiva diante da crise ambiental. Para tanto, realiza-se uma análise interpretativa de obras clássicas de Sigmund Freud — especialmente *O mal-estar na civilização* (1930) e *O infamiliar* (1919) —, bem como de textos psicanalíticos e científicos recentes que tratam da relação entre subjetividade e meio ambiente.

A pesquisa documental inclui estudos sobre saúde mental, juventude, mudanças climáticas e subjetividade ecológica. A estratégia metodológica é dedutiva, partindo das categorias conceituais da psicanálise para interpretar um fenômeno social e psíquico contemporâneo. O fenômeno da ecoansiedade é, assim, lido como expressão de um mal-estar civilizatório, atravessado por afetos como medo, culpa, impotência e luto ambiental.

Por meio dessa articulação entre teoria psicanalítica e análise cultural, busca-se compreender como o inconsciente participa da elaboração simbólica da crise ecológica e de seus efeitos sobre a vida psíquica dos sujeitos.

RESULTADOS

A análise revela que a ecoansiedade pode ser compreendida como efeito do retorno do recalco coletivo, diante da falência da fantasia de controle sobre o meio ambiente. O sujeito contemporâneo é confrontado por eventos que desestabilizam a confiança no planeta como “ambiente suficientemente bom” (WINNICOTT, 1960/2014), o que mobiliza angústias profundas.

O conceito de infamiliar mostra-se produtivo ao interpretar a ecoansiedade como afeto que irrompe quando o mundo exterior se torna fonte de estranhamento. A recorrência de eventos extremos — secas, enchentes, incêndios — atualiza o trauma ecológico e impõe ao sujeito a necessidade de simbolizar a catástrofe.

Esse sofrimento não se restringe ao plano individual. Pesquisas com jovens (JAQUES, 2023; CUSTÓDIO; SANTOS, 2022) indicam que a ecoansiedade está associada à percepção de impotência política e ao colapso das projeções de futuro, configurando-se como sintoma geracional.

Por fim, a ecoansiedade também convoca práticas de reparação simbólica: atitudes sustentáveis, ativismo climático e reconexão afetiva com a natureza podem ser compreendidos como formas de elaboração psíquica frente à angústia do colapso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ecoansiedade constitui uma resposta subjetiva legítima à crise ambiental, devendo ser interpretada como sintoma do mal-estar civilizatório e não como desvio patológico. Ao convocar o sujeito a reconhecer sua dependência da natureza, ela rompe com o recalco antropocêntrico e inscreve no psiquismo a necessidade de transformação cultural.

A psicanálise, ao oferecer recursos conceituais como o infamiliar e o retorno do recalco, contribui de forma decisiva para essa interpretação. Compreender a ecoansiedade como forma de infamiliaridade é reconhecer que o sofrimento ecológico atual é também efeito de um inconsciente coletivo que retorna para denunciar os limites da civilização capitalista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor André Vasques Vital, pela orientação criteriosa, generosa e profundamente comprometida com a excelência acadêmica, cujo acompanhamento foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Estendo minha gratidão à Universidade Evangélica de Goiás e ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPGSTMA), pelo ambiente de formação intelectual e crítica.

Agradeço ainda aos colegas do mestrado, pelas trocas teóricas e afetivas que enriqueceram este percurso, bem como à minha família, pelo apoio incondicional ao longo de toda a jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDIO, L.; SANTOS, C. D. T. dos. Juventude e ecoansiedade. In: Anais do Congresso..., 2022.

DODDS, J. Psychoanalysisandecologyattheedgeofchaos. London: Routledge, 2011.

FREUD, S. O infamiliar (Das Unheimliche). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. Obras completas. Vol. 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JAQUES, A. C. L. Ecoansiedade e juventude. Revista Brasileira de Psicologia Ambiental, v. 2, n. 1, p. 45-51, 2023.

OLIVEIRA, T. Infância e crise climática: impactos emocionais e educacionais. Brasília: Editora Clima, 2023.

SCHINAIA, C. Eco-ansiedade e psicanálise: o inconsciente e o planeta ferido. São Paulo: Editora Vozes, 2022.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 2014.